

Winnicott e uma psicanálise sem metapsicologia*

Leopoldo Fulgencio

PUC-SP

E-mail: leopoldo@centrowinnicott.com.br

Resumo: Pretende-se, após caracterizar o que Freud entende como a natureza e função da teoria metapsicológica na psicanálise – ou seja, um conjunto de conceitos especulativos que são construções auxiliares de valor apenas heurísticos, que servem apenas para auxiliar na observação, organização e sistematização dos fatos clínicos –, fazer alguns comentários mostrando que Winnicott não só crítica como também não utiliza esse tipo de teorização.

Palavras-chave: metapsicologia; especulação; heurística; natureza humana; teorização factual.

Abstract: After characterizing what Freud understands as being the nature and the function of the metapsychological theory of psychoanalysis, that is, a set of speculative concepts which are auxiliary constructions only of heuristic value, and serve only to help observation, organization and systematization, I intend to show that Winnicott not only criticizes but also does not utilize this kind of theorization.

Key-words: metapsychology; speculation; heuristic; human nature; factual's theorization

* Este artigo é uma continuidade do ponto de vista exposto em Fulgencio 2003 e 2005. Ele corresponde ao resultado parcial de minha pesquisa de pós-doutorado, "Winnicott e a metapsicologia", desenvolvida com o apoio da Fapesp. A interpretação da história e desenvolvimento da psicanálise aqui proposta se insere na linha de pesquisa do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, iniciada a partir dos trabalhos de Zeljko Loparic (cf. www.cle.unicamp.br/grupofpp).

Introdução

Para mostrar que Winnicott abandonou os conceitos fundamentais da metapsicologia freudiana, substituindo-os por outros, de natureza epistemológica díspar destes, proponho o seguinte desenvolvimento: primeiro, retomarei a natureza, a função e as características dos conceitos metapsicológicos em Freud; segundo, indicarei o sentido do termo metapsicologia na obra de Winnicott; terceiro, mostrarei que ele abandona os conceitos metapsicológicos de pulsão de vida (*Lebenstriebe*) e de morte (*Tödestriebe*) e, em última instância, também os conceitos de pulsão (*Trieb*) em geral e de aparelho psíquico;¹ e quarto, que quando usa o termo libido, não se trata mais de supor uma energia pensada em termos análogos às energias supostas no campo dos fenômenos físicos, mas uma maneira de referir-se aos valores dados aos acontecimentos e fantasias relativos às relações inter-humanas. Realizado esse percurso, poderei afirmar que a teorização feita por Winnicott é uma teorização de tipo factual, por oposição à teorização especulativa que caracteriza a teorização metapsicológica.

Natureza, função e características dos conceitos metapsicológicos para Freud

Freud utiliza o termo metapsicologia em dois sentidos distintos: por um lado, enquanto sinônimo de uma teoria psicológica que toma o inconsciente como aquilo que é propriamente psíquico (Freud 1900a, SE 2, p. 612), ou seja, a metapsicologia como a teoria geral de uma psicologia

¹ Para distinguir os conceitos freudianos dos winnicottianos – especialmente a distinção entre o conceito de *Trieb* (e seus derivados), em Freud, e o de *Drive* ou de *Instinct*, utilizados por Winnicott –, indicarei os termos em alemão para bem caracterizar quando estou me referindo aos conceitos propostos por Freud. Isso tornará a leitura e a análise das propostas de Winnicott – na redescritção dos conceitos próprios à metapsicologia freudiana – mais claras e precisas.

do inconsciente;² por outro, a considera como um conjunto de conceitos que são construções teóricas auxiliares de valor apenas heurístico. Assim, a metapsicologia ficou conhecida como o constructo teórico que considera os processos psíquicos segundo três pontos de vista: o dinâmico (que toma o psiquismo *como se* fosse movido por forças psíquicas em oposição, denominadas por Freud (*Triebe*) *pulsões*), o tópico (que considera o psiquismo *como se* fosse um *aparelho* dividido em *instâncias* espacialmente figuráveis) e o econômico (que concebe o psiquismo *como se* fosse movimentado por uma energia, que ele caracterizou inicialmente como um *quantum de afeto* e, mais tarde, como *libido*).

A importância metodológica do uso de conceitos na estrutura do *como se* não é feita ao acaso; pelo contrário, trata-se, para Freud, de um método de pesquisa que prega a utilidade de conceitos especulativos para auxiliar na observação e sistematização dos fenômenos psíquicos, tendo em vista a explicação de suas relações de determinação recíproca.³ Freud está cômico de suas especulações, tanto que, para ele: 1) o conceito de *pulsão* (*Trieb*) é uma *idéia abstrata* que tem a natureza de uma *convenção* (1915c, SE 14, p.117), caracterizado como um tipo de *mitologia* da psicanálise (1933a, SE 22, p. 95; 1933b, SE 22, p. 212); 2) a noção de *aparelho psíquico* é uma *ficção teórica* (1900a, SE 5, p. 603) em relação à qual não está em questão procurar um substrato empírico que lhe corresponda; e 3) a noção de *quantum de afeto*, ou *libido*, é uma construção teórica auxiliar, útil para compreender os fenômenos clínicos, mas sem comprovação fenomênica, pensada de forma análoga ao conceito de energia elétrica ou a de fluido,

² Veja, por exemplo, Freud 1901b (*Psicopatologia da vida quotidiana*, Cap. XII, SE 6, p. 259), primeiro texto publicado no qual Freud usa o termo metapsicologia. Nele esse termo se refere à teoria geral científica que pode explicar os fenômenos psíquicos. Freud também utilizará o termo “psicologia das profundezas” (Freud 1926f, SE 20, p. 265), dando à metapsicologia esse sentido da teoria geral de sua psicologia científica enquanto uma ciência empírica.

³ Cf., em Fulgencio 2003 e 2005, uma análise do método especulativo em Freud, cujo fruto maior é a metapsicologia, reconhecida, então, como um tipo de herança do programa kantiano *a priori* para as ciências da natureza.

jamais passível de ser medida (cf. Freud 1894a e 1914c). Para Freud, a metapsicologia corresponde à superestrutura especulativa (*spekulativer Überbau*) da psicanálise “em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada” (1925d, SE 20, pp. 32-3).

Para evitar mal-entendidos, creio ser necessário fazer um esclarecimento explicitando a diferença epistemológica entre os fatos, as teorias empíricas e as teorias especulativas. Os fatos são sempre singulares e contingentes, enquanto que as teorias ou conceitos são sempre universais. Quanto aos conceitos que compõem as teorias, alguns têm referente empírico objetivamente dado na realidade fenomênica sensível (seja a dada aos sentidos externos seja ao sentido interno), enquanto outros não encontram referente intuitivo possível. Ambos os tipos de conceitos são utilizados nas teorias científicas, não só nas teorias científicas, mas aqui trata-se de seguir a análise da psicanálise, tal como uma ciência proposta por Freud. Assim, na psicanálise freudiana, podemos considerar dois tipos de corpos teóricos: um que se refere aos conceitos construídos por abstração e generalização dos dados clínicos, a teoria dos fatos clínicos (tais como a que se refere à sexualidade infantil, o complexo de Édipo, a transferência, a resistência, etc.), e outro, que corresponde aos conceitos especulativos ou metapsicológicos, tais como os conceitos de aparelho psíquico e energia psíquica, que servem como construções auxiliares para ajudar na observação e sistematização dos dados clínicos (cf. Fulgencio 2005a).

Ao distinguir a teoria clínica da metapsicológica, não estou afirmando que os fatos clínicos são apreendidos independentemente de teorias, visto que toda pesquisa científica depende de uma orientação para selecionar (dentre a multiplicidade de fenômenos que se apresentam) os elementos a serem observados e para estabelecer tipos de relação a serem procuradas na ligação e ordenação desses fenômenos. Isso não significa que as teorias que orientam a pesquisa empírica sejam, necessariamente, especulativas, ainda que as especulações metapsicológicas tenham um lugar central para Freud.

Um exemplo claro, nesse sentido, está exposto pelo próprio Freud (“The neuro-psychoses of defense”, 1984), quando diz que, na sua exposição sobre as neuroses de defesa (histeria, neurose obsessiva e fobia), ele utilizou uma hipótese de trabalho na qual supôs que, nas funções mentais, há algo como um fator quantitativo (montante de afeto, soma de excitação), algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se difunde pelas marcas mnêmicas das representações, como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. Para ele, esse fator não tem *nenhum meio de ser medido* (cf. Freud, 1894, SE 3, pp. 60; GW 1, p. 74), uma vez que esse fator quantitativo é apenas um instrumento teórico que possibilita agrupar os fatos e não um obscuro dado que algum dia seria acessível empiricamente. Com esse conceito especulativo de *quantum de afeto* Freud pôde colocar a histeria, a neurose obsessiva e a fobia (tão diferentes nas suas manifestações) como pertencentes a um mesmo grupo de patologias, caracterizando-as, então, como tendo um mesmo tipo de dinâmica, a saber, a que procura uma descarga de excitações, ainda que tome caminhos diferentes para atingir seu objetivo: a histeria buscando essa descarga no corpo, a neurose obsessiva no pensamento e a fobia, no mundo exterior. Freud está, em termos metodológicos, reafirmando aquilo que outros cientistas, em ciências mais maduras, fazem para pesquisar seus objetos, ou seja, a utilização de *ficções heurísticas* que ajudam a pesquisar os fenômenos, cujo valor é justificável pela sua eficácia na resolução de problemas e não pela sua referência empírica objetivamente dada no mundo fenomênico (cf. Freud 1894a, SE 3, pp. 60-61; GW 1, p. 74).

A metapsicologia, segundo Freud, é necessária, não por ser verdadeira, mas porque ela é útil para a observação, o agrupamento e a sistematização dos fatos clínicos. Ela é um instrumento para pesquisar e, tal como todo instrumento, não se coloca a questão sobre sua veracidade ou falsidade, mas tão-somente sobre sua utilidade.

Os sentidos do termo metapsicologia na obra de Winnicott

Winnicott usa o termo metapsicologia com dois sentidos distintos: primeiro, significando a própria teoria psicanalítica em geral; segundo, referindo-se a um conjunto de conceitos inadequados para a compreensão do ser humano do ponto de vista da psicanálise.

No primeiro sentido, a teoria metapsicológica é considerada a teoria que descreve o processo de amadurecimento emocional do ser humano desde sua origem.⁴ No segundo sentido, Winnicott usa o termo metapsicologia como um conjunto de conceitos abstratos, de obscura referência factual no campo dos fenômenos, que fornecem apenas uma ilusão de compreensão. Em 1954, ele escreve a Anna Freud:

Estou tentando descobrir por que é que tenho uma suspeita tão profunda com esses termos [metapsicológicos]. Será que é por que eles podem fornecer uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe? Ou será que é por causa de algo dentro de mim? Pode ser, é claro, que sejam as duas coisas. (Winnicott 1987b, p. 58; tr. br., p. 51)

Winnicott tem em mente a necessidade de usar uma linguagem teórica que seja o mais próxima possível dos fatos reconhecíveis na vida cotidiana: “um escritor da natureza humana precisa ser levado constantemente em direção a uma linguagem simples, longe do jargão do psicólogo, mesmo que tal jargão possa contribuir para revistas científicas” (1957o, p. 127; tr. br., p. 121). O que marca sua postura metodológica e epistemológica é uma constante preocupação em dar conteúdos factuais às suas teorias, levando-o, nesse sentido, não só a tecer duras críticas à conceitos tais como os de pulsão de vida (*Lebenstriebe*) e de morte (*Todestriebe*) mas, fundamentalmente, a abandonar os conceitos especulativos que caracterizam a metapsicologia freudiana.

⁴ Cf. em Winnicott 1955d, p. 280; tr. br., p. 377; e Winnicott 1956a, p. 295; tr. br., p. 393.

Críticas de Winnicott aos conceitos de pulsão de vida (*Lebenstriebe*) e de morte (*Todestriebe*)

Um ponto de crítica central é o julgamento de Winnicott sobre o valor dos conceitos de pulsão de vida (*Lebenstriebe*) e de morte (*Todestriebe*). Ele diz de forma clara e direta: “simplesmente não acho válida sua idéia de pulsão de morte [*Todestriebe*]” (1965va [1962], p. 177; tr. br., p. 161). Numa carta a Money-Kyrle, de 1952, ele explicita claramente qual o motivo de seu incômodo quanto ao uso desses conceitos:

[...] você mais uma vez introduz a pulsão de vida [*Lebenstriebe*] e a pulsão de morte [*Todestriebe*]; você diz que, se elas são parte de nossos dons inatos, um mundo perfeitamente mau seria tão possível quanto um perfeito. Esse é um exemplo da maneira como o conceito de pulsão de vida [*Lebenstriebe*] e de morte [*Todestriebe*] evita o campo de investigação tão rico do desenvolvimento inicial do bebê. É uma pena que Melanie tenha feito um esforço tão grande para conciliar sua opinião com a pulsão de vida [*Lebenstriebe*] e de morte [*Todestriebe*], que são talvez o único erro de Freud. Não preciso lembrá-lo que ele tinha dúvidas a esse respeito quando introduziu o conceito pela primeira vez; e também de que o termo pulsão de morte [*Todestriebe*] é mal-usado na Sociedade mais que qualquer outro, sendo empregado no lugar das palavras agressividade ou impulso destrutivo ou ódio, de uma maneira que, tenho certeza, teria horrorizado Freud. (1987b, p. 42; tr. br., p. 37)

Winnicott mostra-se até mesmo bem-humorado e espirituoso nos seus conselhos para que seus colegas da Sociedade Britânica de Psicanálise abandonassem as confusões geradas pelo uso dos conceitos de pulsão de vida e de morte. Diz ele a Hans Thorner, em 1966:

Gostaria de dizer, porém, que as coisas ficam confusas, na Sociedade, quando vários termos são usados como se fossem plenamente aceitos. Tenho certeza de que você sabe exatamente o que tem em mente quando diz: “partes perigosas... derivadas da pulsão de morte [*Todestriebe*]... devem ser expulsas” etc. etc.; eu mesmo não sei o que você quer dizer, e pelo menos metade da Sociedade deve sentir que você está dizendo “pulsão de morte” [*Todestriebe*], em vez de usar as palavras “agressividade” e “ódio”. Você talvez ache que isso não tem importância, e não

tem mesmo, no contexto de seu ensaio, mas seria realmente muito útil para a Sociedade se conseguíssemos descobrir uma linguagem comum. Qualquer hora dessas, quando você não tiver nada para fazer, que tal reescrever aquela frase sem usar as palavras “pulsão de morte” [*Tödestriebe*], só por minha causa? (Winnicott 1987b, p. 154; tr. br., p. 134)

A redescritção do conceito de instinto e o abandono do conceito de pulsão (*Trieb*)

Não se trata, para Winnicott, de manter os conceitos de pulsão de autoconservação (*Selbsterhaltungstriebe*) e pulsão sexual (*Sexualtrieb*), abandonando os de pulsão de vida e de morte. A sua proposta é mais radical: o próprio conceito freudiano de pulsão (*Trieb*)⁵ é abandonado. Essa operação conceitual, de grandes conseqüências, é realizada sem muito alarde e não ocorre num único golpe, mas em diversos momentos da sua obra. Podemos considerar que ele faz isso de duas maneiras: primeiro, definindo o que chama de *instinto*, cuja análise mostra uma diferença radical entre o seu conceito e o que Freud denominou *Trieb* (pulsão); segundo, de maneira mais dispersa em sua obra, substituindo o conceito de *Trieb* pelos conceitos de *instinto*, *desejo*, *necessidade de ser* e *tendência inata à integração*.

Freud caracterizou a pulsão (*Trieb*) como um “conceito fundamental convencional do qual não podemos prescindir” (1915c, SE 14, p. 117), isto é, um tipo de mito que serve como uma orientação para procurar a relação entre os fenômenos e as suas determinações. Note ainda que, para Freud, as pulsões não são forças físicas, mas psíquicas. Não são forças propriamente biológicas, mas uma representação psíquica de uma fonte endossomática ou, ainda, um representante (*representans*) da fonte endossomática; são concebidas como um conceito limite entre o soma e o psíquico (cf. Freud 1905d, SE 7, p. 167).

⁵ Cf., em Loparic 1999b uma análise do termo *Trieb* na história da filosofia e da psicanálise.

Ao definir o que são os instintos, Winnicott escreve, em 1954, no seu livro *Natureza humana*:

Instinto é o termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. A excitação do instinto leva a criança, assim como qualquer animal, a preparar-se para a satisfação quando o mesmo alcança seu estágio de máxima exigência. (1988, p. 39; tr. br., p. 57)

Para Winnicott, os instintos não são as pulsões (*Triebe*) – como poder-se-ia erroneamente supor –, considerando tratar-se apenas de um problema de tradução do termo alemão *Trieb*. Segundo Winnicott, os instintos não são *idéias abstratas* ou *convenções*, mas dados empíricos, excitações corporais que recebem um sentido e que exigem ação para serem satisfeitas. Não é, pois, um conceito especulativo.

Para Freud, o que importa é a representação psíquica da excitação corpórea; é essa representação e o jogo de determinações recíprocas que ocorre entre essa e outras representações que compõem a vida psíquica, dando a dinâmica explicativa que anima os fenômenos. Pode-se dizer, então, que, para a psicanálise freudiana, o corpo é praticamente expulso, ficando apenas a representação desse corpo, ou ainda, o afeto que é um representante da excitação corporal correspondente. Segundo Freud, o corpo é um problema da medicina ou da biologia, cabendo à psicanálise não o corpo, mas as suas representações e seus afetos.

Em Winnicott, estamos noutra perspectiva: as vivências e excitações corporais são *elaboradas imaginativamente*,⁶ ou seja, as experiências corporais recebem um sentido e esse sentido não é o representante das excitações nem a reapresentação do corpo, mas a *qualidade* que caracterizará a própria vivência ou excitação. Não se trata, para Winnicott, de um jogo de forças entre as representações ou afetos, mas de uma existência psicossomática que é vivida e significada nas relações inter-humanas, seja

⁶ Uma análise mais detalhada do conceito de elaboração imaginativa na obra de Winnicott pode ser encontrada em Loparic 2000.

do ponto de vista do si-mesmo, seja do ponto de vista das relações do indivíduo com o ambiente.

Na orientação metodológica de Freud, há uma passagem necessária entre a descrição dos fatos clínicos e a elaboração teórica que os concebe (Freud 1916-17, SE 15, p. 67). A adesão ao ponto de vista dinâmico é uma escolha epistemológica e metodológica para Freud, na qual devem ser supostas forças em conflito (apenas duas, equivalentes em dignidade às forças de atração e repulsão) estando na base das concepções sobre as causas dos fenômenos e de seus movimentos. Daí a necessidade de Freud de agrupar os diversos tipos de pulsões⁷ pertencendo a um ou outro conjunto mais geral, supondo, assim, um único par de forças que englobaria todas as outras – as pulsões de autoconservação ou sexuais – e, mais tarde, aprofundando essa mesma perspectiva, as pulsões de vida e de morte.

Para Winnicott, é irrelevante se estamos diante de um par de instintos ou lidando com um número maior deles (1988, p. 40; tr. br., p. 57).

O ponto de vista dinâmico (ou a dinâmica), para Winnicott, não é o conflito de forças, mas as relações inter-humanas numa história, em termos de seus sentimentos, fantasias, desejos e conflitos – tanto os conscientes como os inconscientes – ou no que se refere à administração dos instintos.

Quando Freud supôs as pulsões de autoconservação (*Selbsterhaltungstriebe*) e as sexuais (*Sexualtriebe*) como forças análogas às que se supunha na vida animal, ele também demarcou⁸ a diferença entre a noção de *Instinkt* – que caracterizaria os animais⁹ – e a de *Trieb* – que

⁷ No início do processo de desenvolvimento da sexualidade, as pulsões são caracterizadas por ele como *parciais*.

⁸ Como foi explicitado na literatura secundária. Veja, por exemplo, a nota de Strachey na introdução ao “As pulsões e suas vicissitudes”, nas obras completas de Freud em inglês, e os comentários de Laplanche em *Vida e morte em psicanálise*.

⁹ Produzindo comportamentos mais rigidamente determinados, bem como objetos fixos para que esses instintos pudessem ser satisfeitos.

caracteriza o ser humano¹⁰ –, considerando que as pulsões não têm a mesma fixidez na determinação dos comportamentos e objetos que os instintos. Segundo Winnicott, não é aí que ocorre a distinção entre os homens e os animais, pois, para ele, não há, num momento inicial, uma diferenciação entre eles (cf. Winnicott 1988, pp. 39-40; tr. br., p. 57). Para Winnicott, o *animal humano* tem pressões biológicas tal como os outros animais, mas ele dá a elas um significado propriamente humano.¹¹

Dentre esses sentidos especificamente humanos, Winnicott explicita, na sua teoria do amadurecimento pessoal,¹² que o homem tem um modo existencial constituído numa relação de dependência absoluta, característica do início da vida, que progride (na saúde) em direção a uma relação de dependência relativa para, depois, uma independência relativa, retornando a um segundo estado de dependência relativa (na velhice), o que dá um sentido temporal e relacional à existência, não encontrável, dessa maneira, noutros animais.

Um outro aspecto que diferencia o ser humano dos outros animais pode ser reconhecido a partir de uma das características do que Winnicott denominou fenômenos transicionais. No artigo “O lugar em que vivemos”, ele coloca a questão:

O que estamos fazendo enquanto ouvimos uma sinfonia de Beethoven, ao visitar uma galeria de pintura, lendo *Troilo e Cressida* na cama, ou jogando tênis? Que está fazendo uma criança quando fica sentada no chão e brinca sob a guarda da mãe? Que está fazendo um grupo de adolescentes, quando participa de uma reunião de música popular? (1971q, p. 105; tr. br. 147)

¹⁰ As pulsões, diferentemente dos instintos, não teriam a mesma rigidez nas suas determinações, nem na determinação dos comportamentos nem na determinação dos objetos passíveis de uso para sua satisfação.

¹¹ Para uma compreensão do que Winnicott chama de *animal humano* e do conceito de *elaboração imaginativa*, que é a maneira como o ser humano dá sentido às suas vivências corporais, veja Loparic 2000.

¹² Winnicott apresenta uma teoria do amadurecimento pessoal que redescreve e engloba a teoria da sexualidade freudiana. Cf. em Dias 2003 e Loparic 2005 uma análise detalhada da teoria do amadurecimento.

Ele ressalta, então, que há, ainda, uma outra pergunta mais fundamental a ser feita, que diz respeito, a saber: “Onde estamos nesse momento (se é que estamos em algum lugar)?” (ibid.) Para ele, a distinção entre interno e externo, bem como a noção de sublimação, não são suficientes para abordar esse problema. Diz Winnicott:

Já utilizamos os conceitos de interno e externo e desejamos um terceiro conceito. Onde estamos, quando fazemos o que, na verdade, fazemos grande parte de nosso tempo, a saber, divertindo-nos? O conceito de sublimação abrange realmente todo o padrão? Podemos auferir algum proveito do exame desse tempo que se refere à possível existência de um lugar para viver, e que não pode ser apropriadamente descrito quer pelo termo “interno” quer pelo “externo”? (1971g, pp. 105-106; tr. br., p. 147)

Para ele, não estamos nem no mundo externo nem no interno, mas num outro mundo, diferente destes, um mundo que é, ao mesmo tempo, criado por nós e encontrado no exterior. E, no que se refere aos animais, ainda que nestes possa existir algo desse tipo, não encontramos a mesma possibilidade de criar-encontrar um “lugar para viver” tal como ocorre com o homem.¹³

A substituição do conceito de pulsão (*Trieb*)

O abandono do conceito de pulsão (*Trieb*) e a redescrição do conceito de instinto também corresponde à substituição desses conceitos por outros, não só outros em termos de conteúdo, mas também de outra natureza epistemológica. Loparic, ao explicitar a redescrição da teoria da sexualidade feita por Winnicott, comenta essa modificação:

¹³ Um possível aprofundamento dessa perspectiva do homem como criador do mundo no qual vive poderia ser desenvolvido apoiado numa análise de Heidegger sobre o que é o mundo para o homem, no qual diferencia o que ocorre com uma pedra, um animal e o homem, afirmando que a pedra é sem mundo, o animal é pobre de mundo e o homem é um formador de mundo. Cf. Heidegger 2003 [1983], pp. 205-208.

O lugar do conceito especulativo de pulsão [*Trieb*] é ocupado por, pelo menos, três conceitos radicalmente distintos entre si, mas todos referentes à experiência possível de um bebê humano: 1) o de necessidade (*need*) do indivíduo humano de continuar crescendo e de ser si-mesmo – de onde surgem todas as outras necessidades da vida humana que só podem ser atendidas a partir da identificação da mãe com seu bebê, 2) o de instinto (*instinct*) ou de *drive* (impulso) biológico – de onde se originam as pressões pela satisfação e pela recompensa na forma do prazer¹⁴ e 3) o de desejo (*wish*), relacionado à fantasia sofisticada.¹⁵ Como sugeri num trabalho anterior [Loparic 2000], as necessidades e instintos podem ser englobados sob o título de *urgências*, e a vida humana pode ser caracterizada pela urgencialidade, ao invés de pela pulsionalidade. (2005, p. 270)

Não cabe aqui desenvolver uma análise sobre cada um desses conceitos, que, juntos, substituem o conceito de pulsão, mas tão-somente indicá-los explicitando um quadro para que sejam no futuro analisados.

O abandono da noção de aparelho psíquico

Quando Freud quis caracterizar qual foi a grande contribuição que a psicanálise deu à ciência, ele afirmou ser justamente a proposta de tomar o psiquismo tal *como se* fosse um aparelho (um telescópio, microscópio ou qualquer coisa desse tipo) (veja Freud 1940a; 1940b; 1933a, SE 22, p. 159).

Justamente essa operação – que toma o ser humano como um *objeto* e o psíquico como um *aparelho* – foi recusada por Winnicott. Quando ele se refere à psicanálise como uma psicologia dinâmica – “[A psicanálise se ocupa de] uma questão de sentimentos, de pessoas vivas, de emoções e instintos, e ela também lida com o inconsciente e com os conflitos in-

¹⁴ “A idéia da ‘adaptação materna suficientemente boa às necessidades do bebê’ não deve ser confundida, diz Winnicott, com ‘o conceito de satisfação, pela mãe, dos impulsos instintuais’” (1989a, p. 242; tr. br., p. 188).

¹⁵ “Esses três tipos de ‘tendência’ são enumerados em 1989a, p. 256, nota; tr. br., p. 199. Faço constar que o termo winnicottiano *drive* é traduzido erroneamente por ‘pulsão’”.

conscientes que causam os sintomas por não estarem disponíveis para a consciência” (1996q, p. 14; tr. br., p. 38) –, ele não toma o ser humano como qualquer objeto da natureza, ao contrário, ele o considera justamente na sua especificidade humana, marcado por relações que não são de tipo análogo às que ocorrem entre os aparelhos ou objetos.

Winnicott procurou desenvolver a psicanálise como uma ciência que pudesse fazer um estudo objetivo da natureza humana. Note-se, por exemplo, quando ele afirma:

Talvez vocês estejam começando a perceber que existe certo sentido em transformar o estudo da natureza humana numa ciência, num processo caracterizado pela observação de fatos, pela criação de teoria e testagem desta teoria, e pela modificação da teoria de acordo com a descoberta de novos fatos. (1945h, p. 5; tr. br. pp. 32-3)

Ele não está se referindo a um aparelho ou a um objeto, mas à própria natureza humana. Poder-se-ia perguntar, mas o que é essa natureza humana? Segundo ele, é um tipo de acontecimento que se realiza numa história pessoal: “O ser humano é uma amostra temporal da natureza humana” (1988, p. 11; tr. br., p. 29). Para Winnicott, a natureza humana não será jamais tomada como uma abstração, um conceito filosófico ou uma metáfora, ao contrário, ele tem sempre no seu horizonte pessoas e suas experiências na existência.

Ao referir-se ao indivíduo, às pessoas vivas, às emoções, instintos, fantasias, etc., Winnicott nunca trata o homem em termos de funcionamento de um aparelho. Ao que tudo indica, em nenhum momento ele ficou seduzido pela idéia de conceber a natureza humana enquanto relações mecânicas de um aparelho ou como estruturas formais, matemáticas ou simbólicas; pelo contrário, ele se mantinha numa linguagem ou teorização que estava o mais próxima possível da descrição das relações inter-humanas propriamente ditas, o que lhe parecia mais natural ao falar do ser humano.

Ao abandonar a noção de aparelho psíquico, também foi abandonada a idéia das instâncias ou sistemas psíquicos que comporiam esse aparelho. No entanto, Winnicott mantém termos tais como *id*, *ego*, *superego*, etc., mas o faz com o objetivo de manter uma possibilidade de comunicação com seus colegas psicanalistas, ainda que os use num sentido diferente do que Freud estabeleceria.

Convém, aqui, para salientar a magnitude das transformações propostas por Winnicott, lembrar da afirmação de Freud, no seu último texto, quando tinha já 82 anos e estava lúcido sobre os quase 50 anos de desenvolvimento da ciência psicanalítica: “A psicanálise supõe um postulado fundamental [o de que o psiquismo pode ser figurado, heurísticamente, em termos de um aparelho psíquico]: que cabe à filosofia discutir, mas cujos resultados justificam o valor” (Freud 1940a, SE 23, p. 144). É forçoso, assim, considerar que Winnicott não está apenas acrescentando certas contribuições (como os conceitos de objeto transicional e de falso e verdadeiro si-mesmo, etc.) ao edifício teórico da psicanálise, mas propondo modificações que alteram esse edifício nos seus fundamentos.

Ao substituir o conceito freudiano de aparelho psíquico pelo de integração ou identidade pessoal, nota-se que Winnicott realizou uma mudança no estatuto ontológico do objeto de estudo da psicanálise. Essa constatação reitera a interpretação segundo a qual a obra de Winnicott é uma *revolução*¹⁶ na psicanálise, estabelecendo, assim, um novo quadro com base no qual os problemas são formulados e as soluções, desenvolvidas. É justamente nesse quadro que tem sido defendida a idéia de que a filosofia de Heidegger seria adequada como fundamento ontológico da psicanálise winnicottiana (cf., por exemplo, Loparic (1999a e 2000) e Dias 2006).

¹⁶ O termo *revolução* é aqui utilizado no sentido técnico estabelecido por Thomas Kuhn em seu *A Estrutura das revoluções científicas*. Kuhn usa esse termo, emprestado da política, para caracterizar a mudança de regime e de fundamento que ocorre no progresso da ciência quando um paradigma é substituído por outro, por exemplo, para caracterizar o que ocorre, na física, quando da passagem do paradigma newtoniano para o einsteiniano.

O abandono do conceito de libido como uma energia psíquica

O uso do conceito de libido como sinônimo de um tipo de energia que é passível de ser escoada, descarregada, armazenada, não foi tão explicitamente recusado como foram os conceitos de pulsão (*Trieb*) e de aparelho psíquico, ainda que Winnicott critique claramente a utilização do ponto de vista econômico como um tipo de simplificação feita por Freud (cf. Winnicott 1958b, p. 16; tr. br., p. 20).

Winnicott usa o termo libido, não no sentido forte, que caracteriza o ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana, mas como sinônimo de relação afetiva ou amorosa ou, ainda, para referir-se à sexualidade, dando ao termo um sentido mais vago, para apontar ou referir-se a certos aspectos observáveis das relações humanas. Se, para Freud, notamos uma passagem que vai da descrição dos fatos para uma apresentação metapsicológica em termos dinâmicos e depois econômicos (cf. Freud 1916-17, SE 15, p. 378), em Winnicott, teríamos exatamente o movimento inverso, que vai do abandono do ponto de vista dinâmico, tópico e econômico para a tentativa de descrever os fatos.

Ao apresentar, por exemplo, a sua maneira de conceber a posição depressiva – momento específico do desenvolvimento no qual a criança se vê como responsável pelos seus atos e pensamentos na relação com o outro (1988, Parte II, cap. 1 e 2) –, Winnicott confirma sua preocupação em apresentar uma construção teórica que seja uma descrição dos fatos, dizendo: “A aceitação da posição depressiva (tenha ela este ou outro nome) no constructo teórico implica novas e importantes maneiras de encaminhar *a descrição da natureza humana*” (1988, p. 75, os itálicos são meus; tr. br., p. 95). A fazer essa descrição, ele não se refere a uma energia que investe os objetos ou o eu. Não se trata de investimentos energéticos e deslocamentos de *quanta* de afeto, mas dos estados tranquilos e excitados da criança em desenvolvimento na sua relação com a mãe (aqui, sinônimo de “outro”, que não ela mesma ou parte dela, com o qual se relaciona). Winnicott diz que essa fase do desenvolvimento “envolve o bebê em sentimentos

de culpa, levando-o a preocupar-se com os relacionamentos, em razão de seus componentes instintivos ou excitados” (1988, p. 69; tr. br., p. 89). O importante, para ele, não é a capacidade de suportar a excitação ou descarregá-la, tal como uma máquina pode suportar ou não um determinado regime de funcionamento, mas sim os valores dados aos sentimentos e fantasias envolvidos nas relações da criança com o mundo, que nessa fase já está maduro para se ver como uma unidade ao relacionar-se com as pessoas e seu ambiente (cf. Winnicott 1988, p. 69; tr. br., p. 89).

A substituição da teorização metapsicológica pela factual

Parece, pois, justificável, conceitual e textualmente, afirmar que Winnicott abandonou os conceitos de pulsão (*Trieb*), aparelho psíquico e libido, que estão respectivamente na base dos três pontos de vista que caracterizam a metapsicologia freudiana, propondo um tipo de teoria que tem uma ontologia e um conjunto de conceitos de natureza epistemológica diferentes daquela utilizada pela psicanálise freudiana ou tradicional. Não se trata, para Winnicott, de substituir a metapsicologia, a bruxa freudiana, por uma outra, mas de propor uma teoria psicanalítica sem esse tipo de especulação ou de feitiçaria.

O abandono da metapsicologia, para Winnicott, não significa recusar tudo o que Freud e outros analistas pós-freudianos fizeram, em benefício de suas próprias teorias. Uma série de descobertas feitas por Freud (a sexualidade infantil, o complexo de Édipo, o inconsciente recalcado, a transferência, a resistência, etc.), Klein (a posição depressiva, o uso do jogo e da brincadeira na técnica de tratamento de crianças, etc.), entre outras contribuições que caracterizam o desenvolvimento da psicanálise, estão presentes na teoria psicanalítica winnicottiana, ainda que tenham sido redescritas ou redefinidas por ele no interior de sua teoria do amadurecimento pessoal, configurando, assim, a fé de Winnicott no próprio progresso da psicanálise como uma ciência.

Referências

- Dias, Elsa O. 2003: *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. 2006: "Winnicott e Heidegger: temporalidade e esquizofrenia", *Natureza humana*, vol. 8, n. especial 1, agosto de 2006. No prelo.
- Freud, Sigmund 1953-74: *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (SE). 24 v. Tradução de James Strachey et al. London, The Hogarth Press.
- _____. 1894a: "The Defense Neuro-Psychoses". SE 3.
- _____. 1900a: *The Interpretation of Dreams*. SE 4 e 5.
- _____. 1901b: "Psychopathology of Everyday Life". SE 6.
- _____. 1905d: *Three Essays on the Theory of Sexuality*. SE 7.
- _____. 1914c: "On Narcissism: an Introduction". SE 14.
- _____. 1915c: "Instincts and their Vicissitudes". SE 14.
- _____. 1916-17: *A General Introduction to Psychoanalysis*. SE 15 e 16.
- _____. 1925d: *An Autobiographical Study*. SE 20.
- _____. 1926f: "Psychoanalysis: Freudian Scholl". SE 20.
- _____. 1933a: *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*. SE 22.
- _____. 1933b: *Why War?*. SE 22.
- _____. 1940a: *An Outline of Psychoanalysis*. SE 23.
- _____. 1940b: "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis". SE 23.
- Fulgencio, Leopoldo 2003: "As especulações metapsicológicas de Freud", *Natureza humana*, vol. 5, n. 1, pp. 129-173.
- _____. 2005: "Aspectos metafísicos da teoria psicanalítica de Freud", in Bocca, Francisco V. (org) 2005: *Anais do Congresso Sul-americano de Filosofia: Natureza e Liberdade da PUCPR*. Curitiba, Editora da PUCPR.
- Heidegger, Martin 2003 [1983]: *Os conceitos fundamentais da metafísica. Mundo, finitude, solidão*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Kuhn, Thomas S. 1975: *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.

- Laplanche, Jean 1970: *Vie et Mort em Psychanalyse*. Paris, Flammarion.
- Loparic, Zeljko 1999a: Heidegger and Winnicott. *Natureza humana*, v. 1., n. 1, pp. 103-135.
- ____ 1999b: “O conceito de *Trieb* na filosofia e na psicanálise”. In: Machado 1999.
- ____ 2000: “O animal humano”. *Natureza humana*, v. 2, n. 2, pp. 351-97.
- ____ 2001: “Além do inconsciente: sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise”. *Natureza humana*, v. 3, n.1, pp. 91-140.
- ____ 2005: “Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade”. *Natureza humana*, vol. 7, n. 2, pp. 311-357.
- Machado, Jorge A. T. (org.) 1999: *Filosofia e psicanálise: um diálogo*. Porto Alegre, EDIPCRS.
- Winnicott, Donald 1945h: “Towards an Objective Study of Human Nature”, in Winnicott 1957b.
- ____ 1955d [1954]: “Metapsychological and Clinical Aspects of Regression within the Psychoanalytical”, in Winnicott 1958a.
- ____ 1956a [1955]: “Clinical Varieties of transference”, in Winnicott 1958a.
- ____ 1957o: “The Mother’s Contribution to Society”, in Winnicott 1986b.
- ____ 1958a: *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis*. London, Karnac Books and The Institute of Psycho-Analysis, 1992. [Trad. bras.: *Da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978].
- ____ 1965b: *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London, Karnac Books, 1990. [Trad. bras.: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983].
- ____ 1965va [1962]: “A Personal View of the Kleinian Contribution”, in Winnicott 1965b.
- ____ 1971a: *Playing and Reality*. London, Tavistock Publications, 1996. [Trad. bras.: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975]

- Winnicott, Donald 1971g: "Creativity and Its Origins", in Winnicott 1971a.
- _____ 1971q: "The Place where We Live", in Winnicott 1971a.
- _____ 1986b: *Home is Where we Start From*. Londres, Penguin Books, 1986. [Trad.bras.: *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes, 1993]
- _____ 1987b: *The Spontaneous Gesture, Selected Letters*. London, Karnac Books, 1999.
- _____ 1988: *Human Nature*. Levittown, Brunner/Mazel, 1988.
- _____ 1989a: *Psycho-Analytic Explorations*. Cambridge/Massachusetts, Harvard Universities Press, 1992.
- _____ 1996a: *Thinking About Children*. London, Karnac Books. [Trad. bras.: *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997]
- _____ 1996q [1950]: "Yes, but how do we know it's true?", in Winnicott 1996a.